

O USO DOS CLÍTICOS EM GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO *DIARIO DE PERNAMBUCO* ENTRE OS SÉCULOS XIX E SÉCULO XXI¹²

Eronildo dos Santos Arruda³

Resumo: O Português Brasileiro (PB) apresenta diferenças em relação à gramática do Português Europeu (PE) em alguns aspectos, dentre eles, a colocação dos pronomes clíticos (Biazolli, 2016; Câmara Jr. (2004[1970])). Tendo em vista esse fenômeno, esta pesquisa visa analisar o comportamento dos clíticos em dados da língua escrita dos textos jornalísticos do Português de Pernambuco (PP), tomando por base Cartas de Leitor (CL) e Editoriais (ED) publicados no *Diario de Pernambuco* entre os anos de 1830 e 2020. Para tanto, o *corpus* é composto de 80 textos, sendo 40 do gênero CL e 40 do gênero ED, a fim de verificar a ocorrência dos pronomes clíticos na diacronia da língua. Adotou-se o método hipotético-dedutivo como método de abordagem e, como métodos de procedimento, o comparativo e o estatístico. Durante a análise dos dados, levou-se em consideração o modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), tendo como enfoque a perspectiva da mudança paramétrica, seguindo a perspectiva de investigação de Cyrino (2018), Martins (2018) e Pagotto (2018), assim como a Tradição Discursiva (TD) nos gêneros investigados, conforme autores como Kabatek (2006), Gomes (2007). Como resultado, constatou-se: (i) maior ocorrência da próclise em relação à ênclise em ambos os gêneros textuais analisados entre a primeira metade do século XIX até o séc. XXI e (ii) redução acentuada de clíticos de 3ª pessoa a partir da segunda metade do século XIX, principalmente, nas cartas do leitor.

Palavras-chave: Clítico; Diacronia; Textos Jornalísticos; Pernambuco; Variedades do Português.

Resumen: El Portugués Brasileño (PB) presenta diferencias en relación a la gramática del Portugués Europeo (PE) en algunos aspectos, entre ellos, la colocación de los pronombres clíticos - o pronombres personales átonos, según los manuales de gramática normativa. Ante este fenómeno, esta investigación tiene el objetivo de analizar el comportamiento de los clíticos en datos de la lengua en textos periodísticos del Portugués Pernambucano (PP), a partir de Cartas de Lectores (CL) y Editoriales (ED) publicados en el *Diario* de Pernambuco entre los años 1830 y 2020. Para ello, el corpus se compone de 80 textos, 40 de cada género elegido, con el fin de verificar la ocurrencia de los clíticos diacrónicamente en la lengua. Se adoptó el método hipotético-deductivo como método de abordaje y, como métodos de procedimiento, el comparativo y el estadístico. Durante el análisis de los datos, se tuvo en cuenta el modelo de Principios y Parámetros (Chomsky, 1981), centrándose en la perspectiva del cambio paramétrico, siguiendo la perspectiva de investigación de Cyrino (2018) y Pagotto (2018), así como la Tradição Discursiva (DT) en los géneros investigados, según autores como Kabatek (2006), Gomes (2007), Silva y Gomes (2016). En la primera parte, el trabajo describe el orden de los clíticos pronominales en su conjunto; en la segunda parte, se centra en la desaparición de los clíticos en tercera persona. Como resultado, se constató una mayor ocurrencia de próclisis en relación a ênclisis en ambos géneros textuales analizados entre la primera mitad del siglo XIX hasta el siglo XXI; mayor cuantitativo de próclisis, reducción brusca de clíticos de 3ª persona a partir de la segunda mitad del siglo XIX, principalmente, en las Cartas del Lector.

Palabras clave: Clíticos; Diacronía; Textos Periodísticos; Pernambuco; Variedades del Português.

¹ Trabalho apresentado na disciplina *Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)*, ministrada pelo Prof. Dr. Ewerton Ávila dos Anjos Luna, como requisito à conclusão do curso de Licenciatura em Letras Português- Espanhol da Universidade Federal Rural de Pernambuco — UFRPE, sob orientação da Profa. Dra. Cláudia Roberta Tavares Silva. *e-mail:* claudia.rtsilva@ufrpe.br.

² A discussão aqui realizada encontra-se no artigo (*no prelo*) da revista *Ao Pé da Letra*, v. 26, n. 2, intitulado “O comportamento dos clíticos no jornal *Diario de Pernambuco* do século XIX ao século XXI”, valendo referir que há aspectos que foram ampliados no artigo aqui apresentado.

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Letras Português-Espanhol da UFRPE. *e-mail:* eronildojunior.santos17@gmail.com / eronildo.santos@ufrpe.br.

1. Considerações iniciais

A tradição dos estudos gramaticais legou-nos uma vasta literatura, com conceitos e esquematizações a respeito de aspectos gramaticais que, por vezes, encontram-se e desencontram-se. Rosa (2000) observa que, desde Platão e Aristóteles, há registros, no mundo ocidental, de obras que versam a respeito do estudo da linguagem humana, assim como de sua natureza. Segundo ela, a ideia e o procedimento de estudar-se a linguagem humana de modo separado, em partes “menores” é recorrente em todas as tentativas de sistematizar a língua, seja nas áreas, como fonologia, morfologia, sintaxe e semântica, ou no que concerne às partes do Discurso - definição está formulada originalmente por Dionísio de Trácia. Para este trabalho, centraremos nossa atenção no comportamento dos pronomes, em particular, dos pronomes que funcionam como complemento com base nas razões expostas mais adiante.

Sacconi (1998, p. 159), pelo caráter mais tradicional de sua gramática, afirma que o pronome “é a palavra que substitui ou acompanha um substantivo (nome), em relação às pessoas do discurso”.

Câmara Jr. (2004[1970], p. 117), por sua vez, caracteriza os pronomes “pela noção gramatical de pessoa”, sendo subdivididos em formas retas (livres / tônicas) ou oblíquas. As formas oblíquas, também chamadas de pronomes clíticos, são formas “adverbais”, ou seja, utilizadas “como forma dependente junto a um verbo, para expressar um complemento, que fonologicamente é uma partícula proclítica ou enclítica do verbo” (Câmara Jr. 2004[1970], p. 33). Portanto, são consideradas “um vocábulo formal que corresponde a uma forma dependente” (Câmara Jr., 2004[1970], p. 70). Biazolli (2016, p. 35) verifica que esse linguista afirma haver “uma orientação generalizada ao uso proclítico do pronome e o desfavorecimento da ênclise” no português brasileiro (doravante, PB).

Para autores como Rosa (2000, p. 110), “o termo **clítico** praticamente tornou-se sinônimo de pronome pessoal, no entanto, a denominação é mais geral que isso” [grifo da autora]. Essa classe de palavras apresenta posição fixa (próclise ou ênclise) em relação a um outro elemento da oração; ocorrência sem acentuação; e colocação similarmente fixa, no que concerne a outros clíticos, especialmente no PE – uma vez que no Brasil é construção em desuso. Como exemplo dessa colocação similarmente fixa, tem-se o clítico dativo antecedendo o acusativo:

(1) “**lha, mo, ta, to** (mas não ***alhe, *ome**)” [grifo nosso].

(Rosa, 2000, p. 111)

No que concerne à posição mesoclítica, Saraiva (2008, p. 95), em sua dissertação que trata da colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico, afirma, com base na análise contrastiva de seu *corpus* oral e escrito, que “as duas modalidades, casos mais concordantes do que discordantes, de um modo geral, em relação à GT, mostram-se concordantes também no que diz respeito ao uso da mesóclise: em ambos os *corpora*, essa colocação tende à extinção”. Esse estudo aproxima-se do de Martins (2018), no qual se encontra um total de apenas 26 casos de mesóclise dentre 5.350 dados do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) retirados de Cartas de Leitores e de Redatores e anúncios. O teórico atesta que “a mesóclise está restrita à escrita do século XIX” (Martins, 2018, p. 164), havendo apenas duas ocorrências fora dessa margem histórica, que ocorrem em Cartas de Redatores do século XX.

Em linhas gerais, Castilho (2014, p. 483-484) verifica que as gramáticas normativas consideram que:

(a) a ênclise é a colocação posição básica dos clíticos (cf. (2));

(b) a próclise é de regra quando ocorrem os seguintes elementos atratores: (i) conjunção integrante ou pronome relativo (cf. (3)); (ii) advérbio de negação/tempo/focalização (cf. (4)) e (iii) sujeito quantificado (cf. (5));

(c) não se começa sentença com um clítico (cf. (6)): (i) nas perífrases de gerúndio e participípio, os pronomes se colocam antes ou depois do verbo auxiliar, seguindo essas mesmas regras (cf. (7) e (8)) e (ii) em perífrases de infinitivo, o verbo é sempre enclítico, mesmo que ocorram atratores (cf. (9)):

- (2) Maria encontrou-**me**.
- (3) Disseram que Maria **me** encontrou. A Maria que **me** encontrou não é a mesma.
- (4) Maria não **me** encontrou. Maria já **me** encontrou. Maria só **me** encontrou quando eu bobeei.
- (5) Muitas Marias **me** encontraram.
- (6) ***Me** diga se você aceita isso.
- (7) Maria está-**me** encontrando. Maria não/já/só **me** está encontrando. ***Me** está encontrando a Maria.
- (8) Foi-**lhe** dito que ficasse quieto. Não/já/só **lhe** foi dito que ficasse quieto. ***Lhe** foi dito que ficasse.
- (9) Maria vai encontrar-**me**. Disseram que Maria vai encontrar-**me**. A Maria que vai encontrar-**me** não é a mesma. Maria não vai encontrar-**me**. Maria já vai encontrar-**me**. Maria só vai encontrar-**me** se eu deixar pistas.

Castilho (2014, p. 483-484)

Tomando por base os estudos investigativos até então realizados sobre o comportamento dos clíticos no PB ao longo do tempo em que se verificou um aumento acentuado da próclise e perda dos clíticos, sobretudo, os de 3ª pessoa, esta pesquisa, seguindo um viés diacrônico apoiado no modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981 e seguintes), centrará a atenção no comportamento dos clíticos no estado de Pernambuco partindo de dois gêneros presentes no jornal *Diário de Pernambuco* desde o século XIX até o século XXI, a saber: a Carta do Leitor e o Editorial. A escolha por esses dois gêneros deu-se em virtude de boa parte das outras pesquisas realizadas, em geral, utilizarem-se de peças teatrais que representavam mais de perto o vernáculo da época. No caso do Jornal, que passou por uma revisão final, busca-se descobrir se seria possível perceber um processo de mudança no comportamento dos clíticos ao longo do tempo em gêneros que poderiam apontar para uma maior proximidade com a língua falada, como as CL.

Por sua vez, há autores que defendem a ideia de que o editorial localiza-se em uma esfera mais distante da coloquialidade oral, dentre eles, Alves Filho (2006), Köche et al. (2012) e Vieira (2009). Contudo, teóricos como Silva (2022) e Pelizari et al. (2019) também argumentam que, seja por falta de tempo hábil entre escrita e publicação dos textos nos periódicos ou para atender a finalidade argumentativa inerente a essa TD, notam-se certas brechas entre a realização efetiva do texto e o que os manuais de gramática preconizam. Nesse meio, então, o escritor deixaria sua “gramática intuitiva” (Silva, 2022, p. 45) guiar algumas de suas escolhas linguísticas na construção do texto. Por sua vez, no que se refere às CL, autores verificam que há mais proximidade com a coloquialidade oral (Silva; Gomes (2016), Cyrino (2018), Martins (2018)). Com base nisso, uma das hipóteses a ser testada neste trabalho é a seguinte: evidências do processo de mudança verificado em outros estudos sobre o comportamento dos clíticos em PB seriam mais perceptíveis nas CL do que nos ED em análise.

Vejam-se alguns exemplos de clíticos extraídos do *corpus* levando em conta os gêneros supracitados, tendo em mente os traços de pessoa, sua posição sintática (próclise,

mesóclise e ênclise) e sua função sintática, em específico, para aqueles que atuam como complementos (objeto direto (OD) e objeto indireto (OI):

- *Primeira metade do século XIX:*

- (10)a. “Custa-**me**, Srs Redactores, fôrço meu natural acanhamento [...]”. (CL⁴)
b. “[...] não achando auxílio algum, e nem gente que se **lhe** quizesse unir”. (ED⁵)

- *Segunda metade do século XIX:*

- (11)a. “[...] e ao avistar-**me** fez-**me** aproximar”. (CL)
b. “[...] e convidou a gente presente a acompanhá-**o** ao paço da Bôa-Vista” (ED).

- *Primeira metade do século XX:*

- (12) a. “[...] premeditamos, nos Diários Associados, convida-**lo** para illuminar o Christo Redemptor”. (CL)
b. “o problema da energia eletrica não encontrou solução, cabe-**me** referir muito que já foi feito nesse sentido” (ED).

- *Segunda metade do século XX:*

- (13)a. “É por isso que não **nos** furtamos a considerar o futuro em suas bases previsíveis” (ED).
b. “[...] a sua contraditória atividade publicitária, na qual dava pequenas paradas nas bodegas que **lhe** ofereciam as costumeiras doses de cachaça” (ED).

- *Século XXI:*

- (14) a. “sem falar no péssimo atendimento que é prestado pelos seus funcionários pois estão sempre de "cara feia" e "mal Humorados" sem falar nas enormes filas que **se** formam por causa dos poucos caixas disponíveis” (CL).
b. “Em princípio, o artigo de Sérgio é muito elogioso, faz ótimas referências à novela, mas parece não entender completamente a congregação, por exemplo, o que **me** inquietou muito” (CL).

Diante das breves incursões realizadas sobre o comportamento dos clíticos, este trabalho objetiva analisar o comportamento desses pronomes na esfera jornalística pernambucana de modo a observar se há indícios de mudança do século XIX ao século XXI, indo na direção dos resultados obtidos por Cyrino (2018), Martins (2018), Pagotto (2018) e seguintes.

Esta pesquisa surgiu do trabalho realizado no biênio de Iniciação Científica 2022-2023, quando vários aspectos relacionados à variação linguística, à sócio-história, às tradições discursivas (TD) e à teoria gerativista foram estudados e usados como base para as análises que seriam feitas no *corpus* de pesquisa formado.

O estudo contribui para a ampliação da discussão a respeito da colocação e ocorrência dos pronomes clíticos no PB, centrando a atenção em dados escritos extraídos de Editoriais e Cartas do Leitor do estado de Pernambuco durante quase 200 anos (1830-2020), uma análise

⁴ Gênero Textual *Carta do Leitor*.

⁵ Gênero Textual *Editorial*.

que, até onde se tem verificado, é pioneira na universidade onde está sendo executada. Contribui significativamente para os estudos linguísticos acerca do PP, abrindo espaço para novas investigações sobre a temática desta pesquisa, sob o viés da mudança paramétrica (Cyrino e Pagotto, 1996) e da sócio-história (Mattos e Silva, 2004).

A escolha por Pernambuco deu-se em virtude da escassez de estudos diacrônicos a respeito dessa variedade do português. Dentre os estudos de que se teve conhecimento, nenhum abordava o comportamento dos clíticos no PP, assim como não abordavam as influências da sócio-história do estado e das TD na constituição da variedade em questão.

Além da hipótese supracitada – de que as mudanças atestadas nos estudos que compõem o estado da arte seriam mais perceptíveis nas Cartas do Leitor, buscar-se-á verificar se i) há maior presença de clíticos pronominais no gênero ED do que nas CL, já que aquele se configura por maior formalidade e se (ii) há maior ocorrência de próclise nas CL, haja vista sua maior proximidade ao vernáculo brasileiro.

Outrossim, cabe mencionar que, para além do objetivo geral de discutir, sob a ótica do Modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), o comportamento dos clíticos do PP no domínio jornalístico, entre os séculos XIX e XXI, o estudo buscará, em seus objetivos específicos, i) mapear os contextos de ocorrência dos clíticos e sua frequência nos gêneros Editorial e Carta do Leitor, levando em conta (a) a posição sintática, (b) a função sintática, (c) o traço número-pessoal, (d) termo atrativo e e) gênero textual; ii) verificar se o comportamento dos clíticos no PP aponta para similaridades e/ou diferenças em relação ao que vem sendo discutido na literatura gerativista sob a ótica diacrônica; e iii) analisar se os clíticos apresentam comportamento distinto a depender do tipo do gênero textual em análise.

Visando atender aos objetivos desta investigação, este artigo encontra-se assim estruturado: na seção 2, apresentar-se-ão os pressupostos teóricos que embasam a análise; na seção 3, serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados; na seção 4, será feita a análise dos dados. Por fim, a seção 5 apresentará não só uma síntese dos principais resultados, mas também questões em aberto para futuras investigações.

2. Referencial teórico

Em seu trabalho, Bardini, Moura e Santos (2021) abordam o aspecto heterogêneo e variável do sistema linguístico para a sociolinguística ao dizerem que, “[n]essa perspectiva, a mudança linguística ocorre em virtude de a língua ser um *sistema heterogêneo e variável*, constituído por uma *diferenciação ordenada dos falantes e dos estilos* que governam determinada comunidade de fala” (p. 33) [grifos nossos]. Dessa maneira, é possível inferir que essa variação não é aleatória, mas é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos.

Na seara dos estudos linguísticos, o conceito de *variação linguística* ganhou força e destaque no âmbito da sociolinguística, principalmente através dos estudos de Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]). Seguindo os apontamentos desses teóricos, Coelho, Görski e Souza (2014, p. 16) afirmam que a variação linguística pode ser entendida como o “[...] processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”. No entanto, “[...] é possível que, em seu repertório linguístico, um falante disponha de mais de uma forma para expressar o mesmo significado – temos aí a variação linguística (Coelho; Görski; Souza, 2014, p. 70). Cabe ressaltar aqui que os teóricos filiados a essa corrente entendem que toda mudança pressupõe variação, mas não o contrário.

Em seu trabalho "Variação e mudança linguística: do Estruturalismo à Sociolinguística", Bardini, Moura e Santos (2021, p. 32), elencam o que chamam de *princípios gerais da mudança linguística*. O primeiro deles afirma que a *mudança dá-se de modo contínuo e gradual, por meio da variação linguística*, “quando a generalização de uma dada variação num certo subgrupo da comunidade de fala assume o caráter de diferenciação ordenada e não de deriva aleatória”, quando ela “assume o caráter de uma diferenciação ordenada” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 125). Posto esse cenário, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), dizem que

a mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. [...] Uma vez que a mudança linguística está encaixada na estrutura linguística, ela é gradativamente generalizada a outros elementos do sistema. Tal generalização não tem nada de instantânea, e a mudança na estrutura social da comunidade normalmente intervém antes que o processo se complete. [...] Por fim, a completação da mudança e a passagem da variável para o status de uma constante se fazem acompanhar da perda de qualquer significação social que o traço possuía. (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 121)

A visão da corrente teórica acima mencionada não é a única em meio ao campo dos estudos linguísticos, havendo algumas visões que debatem os pressupostos levantados pela sociolinguística, especialmente no que diz respeito ao que é língua e ao que é variação/mudança, bem como suas causas. Um exemplo disso é a explicação gerativista para a questão da variação, a qual, segundo esta corrente, ocorreria por intermédio dos Parâmetros e a mudança, sob esse viés paramétrico, dar-se-ia quando um dos valores paramétricos (+ ou -) é mudado na língua, sendo a mudança iniciada durante a aquisição da linguagem, a partir da fixação paramétrica pela criança quando exposta ao *input* (estímulos linguísticos externos / aspecto social) de uma dada língua através da “filtragem” realizada pela GU⁶ durante o processo de aquisição (cf. Lightfoot, 1991; Kenedy, 2013; Miotto; Figueiredo Silva; Lopes, 2016).

Dentre as diferenças linguísticas apresentadas pelo PB em relação ao PE, encontra-se a variação na colocação pronominal dos clíticos. Cyrino (2018) observa, a partir de um *corpus* diacrônico constituído por peças teatrais brasileiras (gênero escolhido por ser mais próximo do vernáculo) dos séculos XVIII, XIX e XX, a perda do clítico de 3ª pessoa em decorrência do aumento da ocorrência de objetos nulos, fenômenos que, segundo a autora, aparecem nos fins do século XIX. Para tanto, foram coletadas 2.000 sentenças em que ocorrem pronomes clíticos de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular e plural, acusativos, dativos e reflexivos. No estudo de Cyrino (2018), consideraram-se apenas 1.000 dados por ser constatada uma desproporcionalidade no número de dados coletados que foi gerada pelo decréscimo da ocorrência em cada período histórico analisado.

A variação dos clíticos no PB “abrange dois aspectos: sua posição mudou [...] e houve uma queda na sua ocorrência” (Cyrino, 2018, p. 131). A respeito da próclise, Cyrino (2018) e Martins (2018) observam que clíticos podiam subir, no séc. XVIII e XIX, para posições superiores às categorias de negação (cf. (15) e (16)), no entanto, no séc. XX, encontra-se “sempre proclítico ao verbo mais baixo numa locução verbal” (Martins, 2018, p. 132) :

⁶ No campo dos estudos gerativistas, partindo-se da assunção teórica da existência da Gramática Universal (GU), o programa desenvolveu a Teoria de Princípios de Parâmetros (P&P) que prevê que a GU é composta por Princípios universais e Parâmetros particulares. Os primeiros são propriedades comuns a todas as línguas naturais, ao passo que os segundos são o *locus* da variação cujos valores binários (+ e -) deverão ser fixados no processo de aquisição da linguagem.

- (15) “Este ano **me** não foi preciso ir tratar de negocios nem a alfandega nem á mesa das diversas Rendas” (Martins, 2018, p. 163) [grifo do autor].
- (16) “Como **me** não deixei intimidar, ameaçou-me e retirou-se do ônibus com minha carteira” (Martins, 2018, p. 194) [grifo do autor].

Mais especificamente sobre a ênclise ao longo da história da gramática do PB, Cyrino (2018, p. 132) verifica que

ocorria [no século XVIII] em 100% dos casos nas estruturas com o imperativo afirmativo, sentenças com infinitivo impessoal e sentenças com gerúndio (do tipo "Chegando em casa, ... ") [...] No século XX, a ênclise ficou realmente restrita ao pronome o, a quando há um infinitivo.

Os estudos de Rouveret (1989) apontam para a ocorrência de clíticos no PB em posições consideradas agramaticais no PE como em “imperativo afirmativo e início de sentenças” (Cyrino, 2018, p. 132).

Cyrino (1990 *apud* Cyrino, 2018, p. 138) também verifica “85% de ocorrência de clíticos contra 17% de falta de clíticos (posições vazias - objetos nulos)” no séc. XVIII, conforme exemplo a seguir:

- (17) “D. Tibúrcio: Para que manda vossa mercê chamar a minhas primas tão depressa?
D. Lancerote: Logo vereis _”⁷ (Cyrino, 1994, p. 167).

No entanto, na primeira metade do século XX, a frequência dos clíticos decaiu “para 58% contra 42% de sentenças sem o clítico (e sem o pronome lexical)” (Cyrino, 2018, p. 138). A autora menciona o fato de não haver muitos estudos a respeito dos pronomes nas demais pessoas. Dessa feita, tais traços foram levados em consideração em sua pesquisa, gerando a distribuição dos resultados no quadro a seguir:

Quadro 1: Distribuição por tipo de preenchimento de clíticos conforme suas ocorrências através do tempo, levando em consideração o traço número-pessoal (% sobre o total de preenchimento) (**= clítico plural)

Período	Clítico 1 ^a p.	Clítico 2 ^a p.	Clítico 3 ^a p.
XVI / 1	29,0	29,4	34,8
XVI / 2	30,6	12,6	43,3
XVII	20,3	16,4	52,3
XVIII / 1	36,5	19,3	37,8
XVIII / 2	40,1	15,8	37,0
1838-44	32,5	10,7	51,2
1857	23,3	11,4	57,9
1891	15,9	12,1	48,1
1940	49,1	22,4	26,7
1960	51,1	0	16,3
1973	28,0	24,0	4,0**

⁷ Neste artigo, adota-se a maneira como Cyrino (1994; 2018) e Martins (2018) representaram a posição de objetos nulos, a saber: um traço (_).

Fonte: Adaptado de Cyrino (2018, p. 140).

Com base nesses resultados, Cyrino (2018) conclui que “os clíticos de 1ª e 2ª pessoas ainda ocorrem no PB, embora em uma proporção reduzida. A queda do clítico de 3ª pessoa se confirma” (Cyrino, 2018, p. 139).

Consoante os resultados obtidos por Cyrino (2018), Pagotto (2018) afirma que “as diferenças entre o PB e o PE quanto à posição ocupada pelos clíticos podem ser associadas ao próprio fenômeno de perda dos clíticos, em português brasileiro.” (p. 145). Sua investigação estrutura-se sobre um período mais longo que vai da primeira metade do séc. XVI à segunda metade do séc. XX e chega à seguinte conclusão: “os clíticos permanecem em próclise de uma forma bastante consistente. O percentual se mantém em torno dos 85% em quase todos os períodos. Por outro lado, a partir do século XIX cresce o percentual de ênclise” (Pagotto, 2018, p. 146). Evidenciam-se abaixo algumas ocorrências extraídas da pesquisa de Pagotto (2018, p. 154-155 – grifos são do autor da citação):

- (18) “Entre as demais dividas *me* admirão as da fortaleza da Lagem” (*Governadores do Rio de Janeiro - Correspondência activa e passiva - 1ª metade do século XVIII*)
- (19) “[...] chegando ao lugar da fruteira, *se* divide o Rio da fruteira, para o Norte...” (*Documentos históricos do Espírito Santo - 2ª metade do século XVIII*)
- (20) “Sentiose Geralmente esta morte por ser assim apressada.” (*Documentos históricos do Espírito Santo - 1ª metade do século XVII*)
- (21) “Enquanto aguardo a chegada de sua carta, escrevo-*lhe* estas linhas.” (Arquivo de cartas pessoais de S.L. - 2ª metade do século XX)

A fim de explicar os métodos analíticos empregados nos dados envolvendo os clíticos pronominais nos estudos dentro do campo da Teoria Gerativa, Pagotto (2018) aborda as proposições teóricas de Rouveret (1989) a respeito dos modos de análise utilizados para essa classe de palavras: o algébrico e o geométrico. No *algébrico*, a morfologia da palavra, seu traço lexical, teria mais importância do que as relações hierárquicas dos constituintes, ao passo que, no *geométrico*, supõe-se “que a diferença entre a próclise e a ênclise decorre exclusiva e diretamente das relações de ordem linear e dominância hierárquica que as categorias têm entre si” (Rouveret, 1989, p. 9).

Durante a sua investigação, Pagotto (2018, p. 147) assume a análise geométrica, chegando aos seguintes resultados:

- (i) os clíticos se movem para núcleos funcionais - AGR ou T;⁸
- (ii) este movimento se dá conjuntamente com o verbo, ou não;

⁸ Dentre as divisões apresentadas por Mioto (2018), Chomsky (1981), Cyrino (1994) e Pollock (1989) para a distinção dos núcleos sintagmáticos, encontra-se a de núcleos funcionais - que se opõe a de núcleos lexicais. Aqueles são caracterizados pela incapacidade de realizar a seleção semântica (s-seleção) de seus argumentos, bem como a obrigatoriedade de posições de especificador (*spec*) e complemento. A flexão verbal finita I encabeça o sintagma flexional IP (*Inflectional Phrase*), de tal maneira que “codifica as propriedades gramaticais que definem uma sequência como sentença” (Mioto, 2018, p. 60). O IP é o centro das sentenças finitas e pode marcá-las como independentes. O I seleciona um sintagma verbal (VP - *Verbal Phrase*) como seu complemento, esses constituintes são normalmente referidos pela gramática tradicional como desinências verbais. Aproveitando-nos do conceito da gramática tradicional, é possível fazer uma ligação entre sua definição e a abordagem de Mioto (2018, p. 61), que, ao falar sobre a flexão verbal, diz-nos que “em muitas línguas é composta de flexão modo e tempo (abreviada por T, do inglês *tense*) e flexão número e pessoa (abreviada por Agr, do inglês *agreement*)”. Desta feita, depreende-se que I é composto por dois núcleos (Agr/T), de tal maneira que AgrP (*Agreement Phrase*) seleciona TP (*Tense Phrase*) como complemento. A relação descrita anteriormente pode ser exemplificada como [AgrP[TP[VP]]].

(iii) a próclise é a posição natural do clítico; a ênclise é fruto de um movimento suplementar do verbo.

Em meio às hipóteses testadas pelo autor, as que afirmavam haver mudanças nas regras que produziam próclise e ênclise no Português Clássico (PC) e no PB ganharam destaque: “no português clássico, haveria movimento do verbo até T, tendo como consequência uma posição superficial de próclise; no português brasileiro atual, nem o clítico nem o verbo se moveriam, e o resultado superficial seria igualmente de próclise.” (Pagotto, 2018, p. 159). Ao fazer uma comparação entre a próclise do português clássico e a do português brasileiro atual, esse linguista propõe ainda que a colocação do PC dava-se através de *movimento do verbo* e *movimento do clítico* (cf. (22)), enquanto o PB atual teria perdido tais movimentos ou os restringiu (cf. (23)). Segue-se a esquematização proposta por Pagotto (2018, p. 148):

(22) (TP **cl-V-T-AGR** (AGRP tt (VP t
(23) (TP T (AGRP AGR (VP **cl-V**

Baseando-se nos estudos até então empreendidos a respeito dos clíticos no PB, os quais verificam o aumento significativo da próclise e a perda acentuada dos clíticos, principalmente os de 3ª pessoa, esta pesquisa, que segue um viés diacrônico do modelo de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), buscará analisar o comportamento dos clíticos pronominais partindo de dois gêneros textuais (CL e ED), escolhidos em virtude de os estudos até então empreendidos utilizarem-se das CL por representarem de maneira mais aproximada o vernáculo da época.

Ao estudar a historicidade da língua e dos textos, como posto acima, faz-se necessário abordá-la sob a perspectiva da TD entendida por Kabatek (2006, p. 512) como “a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de um modo particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio”. Portanto, para que se estabeleça o ato da comunicação, o propósito comunicativo “atravessa o filtro da língua e das tradições discursivas” (Brito; Gomes, 2019, p. 4). Essa abordagem foi levada em consideração ao selecionarmos os gêneros CL e ED como fontes do *corpus* desta pesquisa.

Constituem também a TD “os elementos constitutivos de um gênero que se encarregam de marcar a sua natureza ao longo do tempo, passando, evidentemente, pelos processos de mudança e permanência” (Brito Gomes, 2019, p. 4). Semelhante à visão Bakhtin (2020), para quem eles são “formas relativamente estáveis” (Bakhtin, 2020, p. 42) que mediam as relações sociais pelas mais variadas atividades realizadas - e estas sendo responsáveis por moldá-los, é necessário também estudá-los de maneira a considerar a “importância de pensar os gêneros pela sua fluidez e dinamicidade, ao revelar certa ‘instabilidade’ quanto à rotulação e funcionamento” (Pelizari et al., 2019, p. 14). A essa perspectiva, seguem-se também as análises de Silva e Gomes (2016), para os quais “os gêneros estão intrinsecamente articulados com as práticas sociais, aspectos cognitivos, interesses, relações de poder, tecnologias, atividades discursivas e culturais” (2016, p. 57); e as ideias de Marcuschi (2011, p. 19), para o qual os gêneros “mudam, fundem-se, misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional”.

Levando em consideração a maleabilidade apresentada pelos gêneros, dentre os quais se encontram aqueles que são a base para o *corpus* desta pesquisa, é oportuno rememorarmos da própria história do meio de comunicação nos quais se vinculam as CL e os ED: o jornal.

Dentre os teóricos que se debruçam sobre a formação e a evolução do meio jornalístico, especialmente no Brasil, encontra-se Gomes (2007, p. 88 e seg.), que divide a trajetória dos jornais brasileiros em três fases: 1) *político-panfletária*, em que o aspecto

subjetivo/opinativo dos leitores tem mais força - neste período dá-se a gênese da Carta do Leitor; 2) *literário-independente*, na qual se inserem textos literários e da imprensa e 3) *telegráfico-informática*, em que impera o caráter informativo e padroniza-se mais o gênero. Se a própria história do jornal apresenta diferentes momentos, os gêneros aqui selecionados podem evidenciar também algumas transformações.

Os estudos de Silva (2022) preconizam que os textos jornalísticos são principalmente orientados de acordo com a norma-padrão da língua, apresentando, contudo, variações linguísticas do cotidiano. Um dos fatores elencados para tal é justamente o curto período de tempo entre a escritura dos textos e sua publicação. Dessa maneira, o redator tende a não observar estritamente a gramática normativa⁹, o que faz transparecer em sua escrita muitos aspectos da linguagem cotidiana, de sua “gramática intuitiva” (Silva, 2022, p. 45).

3. Metodologia

Durante a análise dos dados, adotou-se o método hipotético-dedutivo como método de abordagem e, como métodos de procedimento, o comparativo e o estatístico. A adoção do primeiro método, deu-se em decorrência do fato de que, sob a ótica do inatismo, parte-se de uma assunção geral de que todo ser humano possui uma Faculdade da Linguagem que contém uma *Gramática Universal* composta por Princípios (propriedades comuns a todas as línguas) e Parâmetros (*locus* de variação entre as línguas) (Chomsky, 1981). Partindo do fato de que os clíticos no PB possuem um comportamento distinto dos clíticos no PE (Cyrino, 2018; Pagotto, 2018) por razões relacionadas, por exemplo, ao enfraquecimento da morfologia de flexão verbal no PB que tem ocasionado a perda de sujeitos nulos e o aumento substancial de objetos nulo, esta pesquisa visa compreender como os clíticos no PP vêm se comportando, seguindo uma perspectiva de análise paramétrica.

Quanto à adoção dos métodos comparativo e estatístico, foi feita uma análise do comportamento dos clíticos a partir da comparação entre os gêneros: Carta do Leitor e Editorial, visando testar as seguintes hipóteses: (i) há maior presença de clíticos pronominais no gênero ED do que nas CL, já que aquele se configura por maior formalidade e (ii) há maior ocorrência de próclise nas CL, haja vista sua maior proximidade ao vernáculo brasileiro. Além dessa comparação, foram obtidos resultados quantitativos decorrentes da adoção do método estatístico que indicou não só o quantitativo geral das ocorrências, mas também a frequência dos clíticos, tomando por base quatro variáveis, a saber: (a) a posição sintática, (b) a função sintática, (c) o traço número-pessoal, (d) termo atrativo e e) gênero textual. A partir da seleção das variáveis com seus respectivos fatores, descritos no quadro 2 a seguir, os dados foram codificados e submetidos a tratamento quantitativo:

⁹ A gramática tradicional, ou normativa, pode ser entendida como o conjunto de regras a respeito da língua, comportando-se como uma espécie de manual para o bem falar, escrever e comunicar-se, segundo Travaglia (2003).

Quadro 2: Inventário das variáveis e variantes

VARIÁVEL	FATORES¹⁰
Posição sintática	Próclise
	Ênclise
Função sintática	Objeto direto
	Objeto indireto
Traço número-pessoal	1.p.sg.
	2.p.sg.
	3.p.sg.
	1.p.pl.
	2.p.pl.
	3.p.pl.
Termo atrativo	Presença de termo atrativo de próclise
	Ausência de termo atrativo de próclise
Gênero Textual	Carta do Leitor
	Editorial

Fonte: Autor deste trabalho

Para a constituição do *corpus* desta pesquisa, foram selecionados 80 textos jornalísticos retirados das edições do *Diário de Pernambuco*, em um período que se estende de 1830 a 2020, disponibilizados no *site* da Biblioteca Nacional Digital¹¹ e do próprio jornal. Ao todo, 40 textos pertencem ao gênero CL e, os demais, ao gênero textual ED. No quadro 3, encontra-se o quantitativo de textos selecionados por período com base na seleção desses gêneros.

Quadro 3: Quantitativo geral de textos selecionados por período de tempo

Século	Carta do Leitor	Editorial
1ª séc. XIX	8	8
2ª séc. XIX	8	8
1ª séc. XX	8	8
2ª séc. XX	8	8
Séc. XXI	8	8
TOTAL GERAL	40	40

Fonte: Autor deste trabalho

Após selecionados os textos, foi feita a constituição do *corpus* que é composto por construções frasais em que ocorrem clíticos complementos que ocupam a posição de OD e OI. Em geral, foram selecionadas 277 ocorrências no gênero CL e 204 no gênero ED, totalizando, portanto, 481 ocorrências. Na próxima seção, serão apresentados e discutidos os resultados obtidos com base nessas ocorrências.

¹⁰ A ausência da mesóclise na tabela deve-se ao fato de não ser um fenômeno que foi encontrado no *corpus* desta pesquisa, consoante aos estudos de Saraiva (2008), os quais indicam que é um fenômeno que tende à extinção.

¹¹ Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/docmulti.aspx?bib=029033>.

4. Análise dos dados

Tendo como base os estudos de Cyrino (2018) e de Pagotto (2018) que apontam para a queda dos clíticos pronominais, especialmente os de 3ª pessoa, e para a tendência quase generalizada para a utilização dos pronomes oblíquos átonos em situação de próclise, em decorrência de essa posição ligar-se ao apagamento desses pronomes em posição objeto - o chamado objeto nulo -, esta seção centrará sua atenção no comportamento dos clíticos no PP sob um viés diacrônico a partir de sua ocorrências em dois gêneros jornalísticos: a Carta do Leitor e o Editorial.

Nos trabalhos supracitados, o *corpus* da pesquisa de Cyrino (2018) foi extraído de peças teatrais, por se entender “que seriam uma melhor representação do vernáculo” (Cyrino, 2018, p. 132), restringindo os dados da autora a três séculos: XVIII, XIX e XX. Ao contrário de Cyrino (2018), Pagotto (2018) analisou 1.436 dados extraídos de cartas pessoais e documentos oficiais. Além disso, Martins (2018) comenta que, de forma geral, “em texto escritos do Brasil no curso dos séculos XVIII, XIX e XX, os padrões de colocação dos pronomes clíticos constituem um quadro bastante complexo, no sentido de que a variação atestada nos textos escritos é significativa” (p. 156).

No caso desta pesquisa, a escolha dos dois gêneros textuais e o período de tempo em que os dados produzidos visam ampliar a compreensão sobre como os clíticos se comportam em gêneros da esfera jornalística, permitindo, assim, a comparação dos resultados obtidos aqui com aqueles advindos de outros gêneros, a saber: peças teatrais, cartas pessoais e documentos oficiais (cf. Cyrino, 2018; Martins, 2018 e Pagotto, 2018). Busca-se, portanto, verificar se os gêneros jornalísticos aqui abordados (mesmo passando pelo crivo, pela revisão de uma equipe editorialística que se espera estar voltada ao atendimento das regras prescritas nos manuais gramaticais) apresentam proximidade aos padrões da língua coloquial brasileira do período em questão.

Visando testar as hipóteses de que, no ED, é possível encontrar maior número de ocorrências de clíticos pronominais e de que, nas CL, há um maior número de próclise, observe-se, de início, o comportamento da variável *posição sintática* dos clíticos pronominais (se ênclise ou próclise) nos gêneros CL e ED:

Quadro 4: Quantitativo geral e percentual de clíticos entre 1830 e 2020, tomando por base a variável *posição sintática* em ambos os gêneros textuais

Século	Carta do Leitor			Editorial		
	Próclise	Ênclise	Total geral por período	Próclise	Ênclise	Total geral por período
1ª séc. XIX	60 (70%)	26 (30%)	86	48 (79%)	13 (21%)	61
2ª séc. XIX	35 (46%)	41 (54%)	76	38 (55%)	31 (45%)	69
1ª séc. XX	37 (76%)	12 (24%)	49	17 (61%)	11 (39%)	28
2ª séc. XX	30 (58%)	22 (42%)	52	14 (61%)	09 (39%)	23
Séc. XXI	7 (50%)	7 (50%)	14	14 (61%)	9 (39%)	23

TOTAL GERAL	169(100%)	108 (100%)	277	131(100%)	73(100%)	204
--------------------	-----------	------------	-----	-----------	----------	-----

Fonte: Autor deste trabalho

Em linhas gerais, quanto às ocorrências de próclise e ênclise nas CL, observou-se um total de 169 e 108 contextos, respectivamente. Nos 40 textos de ED, houve 131 ocorrências de próclise e 73 de ênclise. Em ambos os gêneros, notou-se o predomínio da próclise e, conforme já mencionado na seção da metodologia, não houve contextos de mesóclise, um resultado que vai de encontro ao obtido por Martins (2018) que obtém um total de 26 casos de mesóclise dentre os 5.350 dados do projeto PHPB. Segundo ele, “a mesóclise está restrita à escrita do século XIX” (Martins, 2018, p. 164), havendo apenas duas ocorrências fora dessa margem histórica, que ocorrem em cartas de redatores do século XX. Em todo o caso, o índice de mesóclise é pouquíssimo, tal como verificado também por Saraiva (2008) em seus *corpora* oral e escrito, que tem seu foco voltado para a escrita culta do domínio jornalístico atual e em inquéritos do Projeto *Norma Linguística Urbana Culta* (NURC). Vejam-se, a seguir, alguns exemplos retirados do *corpus* desta pesquisa que evidenciam o uso da próclise (cf. (24) e (25)) e da ênclise (cf. (26) e (27)):

(24) “[...] mas se **o** não fizer.” (CL)

(25) “Eis aqui **me** tem Vm. Sar. Editor, desembarcado no Trapiche [...]” (CL)

(26) “[...] a pesar de alguns, mostravaõ-**se** muito mais feiçoados [...]” (ED)

(27) [...] a respeito da industrialização do País e comércio exterior, apoiando-**o** [...]” (ED)

Diante do exposto, far-se-á agora uma análise pormenorizada dos resultados, tendo em mente cada gênero escolhido.

Quanto ao gênero *carta de leitor*, desde a primeira metade do século XIX, demonstra-se claro predomínio da ocorrência de clíticos proclíticos (70%) em relação à ênclise (30%). Na segunda metade do séc. XIX, a próclise é menos frequente do que a ênclise, respectivamente, 46% e 54%, tomando por base o total de ocorrências no período. No início do século XX, a próclise tem 76%, enquanto a ênclise apresenta-se em 24% dos casos. Ao fim deste século, há 58% de ocorrências proclíticas e 42% de enclíticas. Durante o século XXI, próclise e ênclise têm o mesmo percentual, 50%. Tal comportamento pode ser analisado através das conclusões obtidas nos estudos de Pagotto (1998) e Faraco (2008) que apontam a imposição de uma norma oficial que visava ao português utilizado pelos autores românticos portugueses. Em suas observações, Pagotto (1998) assinala que as construções no período do Brasil Império eram essencialmente proclíticas, ao passo que, durante a Primeira República, justamente nos fins do século XIX (a partir de 1892), há uma inclinação à ênclise.

A alta produção de ênclise entre o séc. XIX e o séc. XX pode estar relacionada ao fato de o texto jornalístico apresentar certa padronização, de maneira a estar preso às normas prescritas pelos manuais gramaticais - visando ao modelo de uso do PE, uma vez que passa, por exemplo, por revisão antes de sua publicação. Essas particularidades podem fazer com que o comportamento dos clíticos pronominais divirja do apresentado nas peças teatrais que Cyrino (2018) considera como uma representação aproximada do vernáculo. A TD do gênero CL pode nos fornecer aparato para reflexão sobre os dados: a função comunicativa desse gênero, atrelada à sua vinculação com o meio jornalístico, como observa Andrade (2008), e o papel de viabilizar relações que não podem se dar “face a face” (Pelizari *et al.*, 2019, p. 9) talvez determinem que uma maior correção gramatical perpassasse a estruturação dos textos. Esses elementos socioculturais necessitam de “elementos linguístico-discursivos específicos” (Silva; Gomes, 2016, p. 57) para sua efetivação. Essa última consideração também pode ser

aplicada aos ED, visto que, sua construção também se orienta por seu propósito comunicativo - critério comum a todos os gêneros. Dessa feita a hipótese de que as mudanças atestadas no estado da arte seriam mais perceptíveis nas CL confirma-se apenas em parte, uma vez que, tendo em vista os motivos supracitados (função comunicativa, meio de vinculação e tipo de mediação), a TD das CL apresenta certo distanciamento do vernáculo da língua.

Nota-se também a queda das aparições dos clíticos na 2ª metade do séc. XIX (76 casos) e na metade do séc. XX (49 casos), de modo semelhante ao que pode ser verificado no caso dos clíticos de 3ª pessoa – situação que pode ser observada mesmo com os altos números de ocorrências de clíticos nas CL durante a segunda metade do séc. XX (52 casos em relação aos 49 da 1ª metade do séc. XX). Tal comportamento pode encontrar sua explicação nos estudos de Cyrino (2018), em que uma das justificativas para a queda dos clíticos nesse período seria sua coocorrência com o objeto nulo - uma hipótese que poderá ser testada nos dados do PP em pesquisas vindouras.

Em geral, a tendência que se observa é a seguinte: de 1830 a 2020, há uma redução geral de 83,17% de ocorrência dos clíticos. Tal resultado foi obtido através do percentual calculado sobre o número geral de ocorrências entre o primeiro período dos dados coletados (1ª metade do séc. XIX) e o último (séc. XXI).

Resultados similares podem ser observados no gênero ED, em que há uma queda de 66.67% na ocorrência dos clíticos a partir da segunda metade do séc. XIX, resultado este obtido através do cálculo de percentagem sobre as ocorrências gerais dos clíticos no séc. XIX e seu número no séc. XX. No séc. XIX, a próclise mantém-se mais recorrente com 86 ocorrências no geral. Faz-se necessário também mencionar o aumento expressivo no número de ênclises da 1ª à 2ª metade do séc XIX, indo de 13 ocorrências para 31 ocorrências - reforçando as observações de Pagotto (1998) e Faraco (2008). Quando se compara esse século com os demais, observa-se um grande decréscimo no uso dos clíticos, principalmente os de 3ª pessoa, um resultado que vai na direção dos resultados de Cyrino (2018) (cf. Quadro 1). Tal situação atestada acima leva à não confirmação da hipótese de que os ED teriam mais ocorrências de clíticos do que as CL

Partindo para a análise da variável *função sintática* do clítico como OD (acusativo) e OI (dativo), é perceptível que as ocorrências de clíticos acusativos são majoritárias em todos os períodos analisados, ao contrário dos clíticos dativos, uma vez que construções acusativas tendem a ser mais frequentes que as dativas:

Quadro 5: Quantitativo geral e percentual de clíticos entre 1930 e 2022, tomando por base sua *função sintática na posição de complemento verbal*

Período	Editorial		Carta do Leitor	
	Objeto Direto	Objeto Indireto	Objeto Direto	Objeto Indireto
1ª séc. XIX	58 (89,2%)	07 (10,8%)	55 (64,7%)	30 (35,3%)
2ª séc. XIX	60 (89,5%)	07 (10,5%)	52 (73,6%)	19 (26,4%)
1ª séc. XX	26 (92,8%)	02 (7,2%)	48 (87,3%)	07 (12,7%)
2ª séc. XX	18 (78,3%)	05 (21,7%)	45 (81,8%)	07 (19,2%)
Séc. XXI	19 (90,5%)	02 (10,5%)	07 (50%)	07 (50%)
TOTAL GERAL	181	23	207	70

Fonte: Autor deste trabalho

O resultado apresentado no quadro acima pode ser entendido como um reflexo das características linguísticas manifestadas pelo gênero ED, como uma TD, que aponta para uma tendência ao uso da 3ª pessoa e para as temáticas que guiam sua escrita, como opinar, discutir, argumentar etc. – conforme apontam os estudos de Alves Filho (2006), Souza (2006), Marques (2009), Vieira (2009), Köche et al. (2012) e Pelizari et al. (2019).

Vale dizer que, embora clíticos dativos sejam menos frequentes em ambos os gêneros jornalísticos em todos os períodos pesquisados, sua frequência é mais expressiva nas CL no século XIX, havendo um decréscimo acentuado a partir da primeira metade do século XX, situação esta que pode ser explicada em virtude da reorganização gramatical por que atravessa o PB nesse período, em detrimento da influência o português clássico, reorganização que abrange questões como a tendência apresentada por clíticos como “me”, “te” e “se” de apresentarem função dativa, conforme os apontamentos de Martins (2018). Tal situação pode interferir no número de ocorrências de objetos com função de alvo e/ou benefactivo.

Outra possível explicação para o comportamento acima referido é encontrada nas investigações de Gomes (2007), que apontam para a maior padronização do jornal no início do séc. XX, na fase telegráfico-informática. A respeito desse período, Andrade (2008) observou que cartas de leitores de jornais paulistas eram apresentadas integralmente e versavam “sobre os mais variados e distintos assuntos: pedidos, reclamações, comentários, busca de contato com parentes ou amigos, entre outros” (p. 7). No *corpus* desta pesquisa, constatou-se que as cartas, nesse período, inclinaram-se mais às temáticas de reclamação e opinião. Infere-se, portanto que a progressiva padronização do meio jornalístico e as temáticas mais recorrentes na TD das cartas de leitor pode ter influenciado o modo como o autor regulava sua escrita para aqueles a quem se destinavam seus textos, “visando a atender vários propósitos comunicativos” (Andrade, 2008, p. 6).

No caso dos pronomes acusativos encontrados nos *editoriais*, há estabilidade nas ocorrências durante a segunda metade do séc. XIX em relação ao período anterior. Observa-se também sua diminuição da primeira metade do século XX em diante, passando de 26 na 1ª metade do séc. XX para 19, no séc. XXI. Esse decréscimo dos clíticos acusativos pode estar relacionado ao aumento da frequência de objetos nulos, conforme assinala Cyrino (2018; 1994). Nas *cartas do leitor*, por sua vez, o decréscimo das ocorrências de OI é notável desde o começo do séc. XX, mantendo-se estável até o último período analisado. Vale dizer ainda que a queda de clíticos como OD é contínua ao longo dos períodos, apresentando-se bastante acentuada no século XXI.

A seguir, são extraídos exemplos do *corpus* em que os clíticos são acusativos e dativos em diferentes períodos da história:

- *Primeira metade do século XIX:*

- (28)a. “então procurou estrangula-**la**”. (OD)
b. “[...] e deixou a todos penhorados pelas lisonjeiras palavras que **lhes** dirigio”. (OI)

- *Segunda metade do século XIX:*

- (29)a. “[...] e começou a injuriar-**me**, sob o pretexto de que eu fazia más ausências delle”. (OD)
b. “todo o cidadão é livre de trabalhar no que bem **lhe** aprouver”. (OI)

- *Primeira metade do século XX:*

(30)a. “Convidou-o, em nome do presidente da república para estar na Terra de Santa Cruz”. (OD)

b. “Mas ninguém **me** perguntou e foi melhor: sou um homem de hábitos silolóquios”. (OI)

- *Segunda metade do século XX:*

(31)a. “[...] e **o** incentivando a prosseguir [...]”. (OD)

b. “ninguém pode **lhes** negar a vitória nessa campanha”. (OI)

- *Século XXI:*

(32)a. “Já estamos cansados de ver a toda hora propaganda de remédios nos meios de comunicação e o estímulo em usá-**los**”. (OD)

b. “Mesmo setores masculinamente fechados como as Forças Armadas **lhe** abriram as portas”. (OI)

Centrando agora a atenção na variável *traço número-pessoal dos clíticos* encontrados em nosso *corpus*, verifiquem-se os resultados apresentados nos quadros 6 e 7 a seguir:

Quadro 6: Quantitativo geral e percentual de clíticos entre 1930 e 2022, tomando por base seu *traço número-pessoal nas Cartas do Leitor*

Período	1.p.sg.	2.p.sg.	3.p.sg.	1.p.pl.	2.p.pl.	3.p.pl.
1 ^a séc. XIX	27 (34%)	04 (57%)	44 (27%)	7 (36%)	0	3 (50%)
2 ^a séc. XIX	15 (19%)	03 (43%)	50 (30%)	6 (22%)	0	3 (50%)
1 ^a séc. XX	8 (10%)	0	35 (21%)	6 (22%)	0	0
2 ^a séc. XX	27 (34%)	0	25 (15%)	0	0	0
Séc. XXI	3 (3%)	0	11(07%)	0	0	0
TOTAL GERAL	80 (100%)	7 (100%)	165(100%)	19 (100%)	0 (100%)	6 (100%)

Fonte: Autor deste trabalho

Quadro 7: Quantitativo geral e percentual de clíticos entre 1930 e 2022, tomando por base seu *traço número-pessoal nos Editoriais*

Período	1.p.sg.	2.p.sg.	3.p.sg.	1.p.pl.	2.p.pl.	3.p.pl.
1 ^a séc. XIX	0	0	54 (30%)	3 (23%)	0	4 (45%)
2 ^a séc. XIX	2 (100%)	0	60 (34%)	5 (38%)	1 (100%)	2 (22%)
1 ^a séc. XX	0	0	24 (21%)	4 (31%)	0	0
2 ^a séc. XX	0	0	19 (13%)	1 (8%)	0	2 (22%)
Séc. XXI	0	0	22 (11%)	0	0	1 (11%)
TOTAL GERAL	2 (100%)	0 (100%)	179(100%)	13 (100%)	1 (100%)	9 (100%)

Fonte: Autor deste trabalho

Os resultados aqui apresentados apontam para um desfavorecimento dos clíticos de 1ª e 2ª pessoa, principalmente no que diz respeito aos editoriais. É possível notar uma acentuada queda dos clíticos de 3ª pessoa - cerca de 78% desde a segunda metade do séc. XIX, nas CL. A partir da segunda metade do século XX, apenas os clíticos de 1ª e 3ª pessoas foram detectados, indo na direção dos resultados obtidos por Cyrino (2018) e Pagotto (2018), haja vista que apontam também para o decréscimo dos clíticos pronominais, principalmente os de 3ª pessoa.

Observem-se dados extraídos de algumas CL em todos os períodos analisados que evidenciam, por exemplo, o uso de clíticos de 3ª pessoa:

- *Primeira metade do século XIX:*

(33)“d’um só Campião ducidido **lhes** avultara uma Legião invencível!”.

- *Segunda metade do século XIX:*

(34)“[...] destinada a comunicar-**lhe** de novo aquella segurança”.

- *Primeira metade do século XX:*

(35) "se debruçam sobre a collectividade para **lhe** sondar as necessidades mediatas".

- *Segunda metade do século XX:*

(36)“A sua presença, pela manhã, nos diversos recantos da cidade, vendendo o produto que **lhe** dera alcunha”.

- *Século XXI:*

(37)“É compreensível quando escrevo: ‘O homem sentou-**se** na grama’; é compreensível por ser claro”.

Comparando os resultados do quadro 6 com os resultados encontrados no quadro 7, percebe-se que, apesar da redução na ocorrência dos clíticos de 3ª pessoa, sobretudo a partir da primeira metade do século XX, estes possuem um pouco mais de ocorrências nos *Editoriais* (179 (3.p.pl) + 9 (3p.pl) = 188 ocorrências)) do que nas *Cartas do Leitor* (165 (3.p.sg)+ 6 (3.p.pl.)= 171 ocorrências)).

Outro resultado é que clíticos de 1ª pessoa são pouco recorrentes nos *Editoriais* (2 (1.p.sg.) + 13 (1.p.pl)= 15 ocorrências), ao contrário do que se observa nas *Cartas do Leitor* (80 (1.p. sg.) + 19 (1.p.pl.)= 99 ocorrências)), tendo em vista a própria natureza de cada gênero¹². Nota-se também a baixíssima ocorrência dos pronomes de 2ª pessoa, havendo apenas 1 ocorrência na segunda metade do século XIX. Seguem exemplos de clíticos de 1ª pessoa e de 3ª pessoa extraídos de alguns *Editoriais*:

- *Primeira metade do século XIX:*

¹² Alves Filho (2006), Andrade (2008), Marques (2009), Vieira (2009), Köche *et al.* (2012), Brito e Gomes (2019) e Pelizari *et al.* (2019).

- (38) a. “que **nos** limitemos a dirigir**lo** no declive”. (1ª p.)
 b. “Se estão resolvidos, digam-**no**”. (3ª)
- *Segunda metade do século XIX:*

(39)a. “Não **nos** sendo dado saber até que ponto chegaram as negociações”. (1ª p.)
 b. “Livre- Bem **o** sabeis, de escolher entre as candidaturas ajuramentadas”. (3ª p.)
 - *Primeira metade do século XX:*

(40) a. “[...] e faz-**me** concordar com o que o outro diz”. (1ª p.)
 b. “com o objetivo de inaugurar as instalações da “Rádio Borborema”, levei-**o** até a maternidade”. (3ª p.)
 - *Segunda metade do século XX*

(41) a. “a eliminação do adversário e incitam-**nos** de todas as formas”. (1ª p.)
 b. “como se este, para exercer suas prerrogativas, necessitava obter permissão, a fim de desfrutá-**las**”. (3ª p.)
 - *Século XXI:*

(42) “O preconceito por opção sexual, etnia, credo é expressamente vedado pela Constituição. Mas, ainda assim, há os que **o** defendem”. (3ª p.)

Com base na comparação entre os dois gêneros, é possível notar que, nas CL, há uma maior presença de clíticos de 1ª pessoa, em comparação aos *Editoriais*, nos quais são mais frequentes os pronomes de 3ª pessoa. Infere-se, portanto, que esse resultado ocorra devido a maior presença de subjetividade nas *Cartas do Leitor*, uma característica verificada por Andrade (2008), Brito e Gomes (2019) Pelizari *et al.* (2019). Ademais, Martins (2018), utilizando-se do *corpus* do PHPB, afirma que “a baixa ocorrência dos pronomes de 2ª pessoa pode estar correlacionada aos gêneros considerados que não favorecem um discurso voltado à interlocução direta” (p. 159).

Alves Filho (2006), ao focar na dimensão verbal do gênero ED, observa “a tendência a não aparecerem pronomes de primeira pessoa e, por outro lado, há preferência por recursos de impessoalização” (Alves Filho, 2006, p. 81). Dessa forma, os editoriais por possuírem um maior grau de impessoalidade tendem a se referir a uma 3ª pessoa, tal como também verificado por Marques (2009), Vieira (2009), Köche *et al.* (2012), e Pelizari *et al.* (2019). Já as CL, por sua vez, apontam para uma maior proximidade com as peças teatrais (Cyrino, 2018), uma vez que possuem um maior grau espontaneidade e de aproximação comunicativa/intimidade relativa na relação entre o remetente e o destinatário, em relação a gêneros com maior nível de formalidade.

No que diz respeito aos fatores presença/ausência de termo atrativo no gênero CL, é perceptível que há um predomínio de casos de próclise com ausência de termos atrativos, à exceção da segunda metade do séc. XIX e da primeira metade do séc. XX, no qual há, respectivamente, 57(5%) e 68 (57%)de ocorrências de próclise com a presença de termo atrativo (cf. Quadro 8).

Quadro 8: Quantitativo geral e percentual de próclise entre 1830 e 2022, tomando por base a variável *presença /ausência de termo atrativo no gênero Carta de Leitor*

Período	Presença de Termo Atrativo	Ausência de Termo Atrativo	Total por Período
1ª séc. XIX	57,5%	42,5%	60 (34, 65%)
2ª séc. XIX	68,57%	31,43 %	35 (28, 71%)
1ª séc. XX	43, 2%	56, 8%	37 (17, 32%)
2ª séc. XX	46, 6%	53, 4%	30 (13, 36%)
Séc. XXI	42, 9%	57, 1%	7 (6%)
TOTAL GERAL			169 (100%)

Fonte: Autor deste trabalho

Conforme apontam as investigações de Andrade (2008), Gomes (2007) e Pelizari *et al.* (2019), a TD das CL prevê, em relação ao ED, maior grau de informalidade, atestada também nos estudos de Silva e Gomes (2016), os quais assinalam o fator da espontaneidade que embrem este gênero: “espontaneidade perceptível, havendo aproximação comunicativa, assim como intimidade relativa na relação entre o remetente e o destinatário”. Mencionam-se também as diversas temáticas que estão presentes nessas missivas, como “pedidos, reclamações, comentários, busca de contato com parentes ou amigos, entre outros” (Andrade, 2008, p. 7). Dessa feita, depreende-se que tais fatores corroboram a aproximação desse gênero à coloquialidade do PB, apontando semelhanças com os resultados obtidos por Cyrino (2018), Pagotto (2018) e Tarallo (2018b) a respeito das diferenças entre a gramática do PB e a do PE.

A seguir, são extraídos exemplos do *corpus* em que os clíticos estão em posição de próclise, com e sem termo atrativo, em diferentes períodos da história:

- *Primeira metade do século XIX:*

(43)a. “[...] livrarem de que **os** mandem fazer”. (C/ T.A.¹³)

b. “[...] de um só Capitão decidido **lhes** avultam uma Legião invencível”. (S/ T.A.¹⁴)

- *Segunda metade do século XIX:*

¹³ C/T.A.= Com Termo Atrativo

¹⁴ S/T.A.= Sem Termo Atrativo

- (44)a. “[...] alli **se** achava o mesmo tenente-coronel”. (C/ T.A.)
 b. “[...] depois de **os** ter apresentado como conquista”. (S/ T.A.)
- *Primeira metade do século XX:*
- (45)a. “[...] para a industrialização a que **se** lançou”. (C/ T.A.)
 b. “Era o artigo de sua predileção e **lhe** parecia, portanto, mais do que natural”. (S/ T.A.)
- *Segunda metade do século XX:*
- (46)a. “Dava pequenas paradas nas bodegas que **lhe** ofereceriam as costumeiras doses de cachaça”. (C/ T.A.)
 b. “O convívio humano **se** impõe como condição imperiosa”. (S/ T.A.)
- *Século XXI:*
- (47)a. “[...] sem falar nas enormes filas que **se** formam”. (C/ T.A.)
 b. “Hospício na Boa Vista, **se** encontra esquecido pelo governo”. (S/ T.A.)

A respeito da frequência com que os casos de próclise ocorrem no gênero ED(cf. Quadro 9), os dados apontam um predomínio de termos atrativos, à exceção da última metade no séc. XIX e no séc. XXI. Esse predomínio pode ser explicado pelo maior grau de monitoramento a que o jornalista está submetido no momento de escrita e revisão dos textos que irão para as seções do jornal, como atestado por Alves Filho (2006), Vieira (2009), Köche et al. (2012), Pelizari *et al.* (2019).

Diante do cenário exposto, convém mencionar os apontamentos de Silva (2022), que dizem que a figura do autor de textos jornalísticos, como o ED, se vê em uma situação que o obriga a um processo rápido de edição entre a primeira escrita e a publicação no texto, nesse interstício sua “gramática intuitiva”, permeada de suas experiências linguísticas naturais, tem importante papel nas decisões que serão tomadas, o que pode explicar algumas das escolhas feitas a respeito da colocação pronominal, por exemplo, quando o escritor posiciona o clítico em posição de próclise sem que haja nenhum dos termos atratores preconizados pela gramática normativa.

Quadro 9: Quantitativo geral e percentual de próclise entre 1830 e 2022, tomando por base a variável *presença /ausência de termo atrativo no gênero Editorial*

Período	Presença de Termo Atrativo	Ausência de Termo Atrativo	Total por período
1ª séc. XIX	52%	48 %	48 (24, 54%)
2ª séc. XIX	57,9%	42,1 %	38 (36, 36 %)
1ª séc. XX	86,8%	13,2%	17 (14, 54%)
2ª séc. XX	64,26%	35,74%	14 (12, 75%)

Séc. XXI	42, 8%	57, 2%	14 (11, 81%)
TOTAL GERAL			131 (100%)

Fonte: Autor deste trabalho

A seguir, são extraídos exemplos do *corpus* em que os clíticos estão em posição de próclise, com e sem termo atrativo, em diferentes períodos da história:

- *Primeira metade do século XIX:*

- (48)a. “he preciso pois, que **nos** limitemos a *dirigir*lo no declive”. (C/ T.A.)
b. “indicavam como infallível se as circunstancias **a** favorecessem”. (S/ T.A.)

- *Segunda metade do século XIX:*

- (49)a. “delegado de policia que alli **se** achava, declarou que S. M. não recebia”. (C/ T.A.)
b. “Peça, Sr. Padre Medeiros que **lhes** desbastem a ignorancia”. (S/ T.A.)

- *Primeira metade do século XX:*

- (50)a. “sem nenhuma idéa central que **os** distinga”. (C/ T.A.)
b. “o sertanejo, **se** vê na privação de elementos indispensáveis á sua defesa”. (S/ T.A.)

- *Segunda metade do século XX:*

- (51)a. “a festa que annualmente **se** faz á mesma excelsa senhora naquela localidade”. (C/ T.A.)
b. “ninguém pode **lhes** negar a vitória nessa campanha”. (S/ T.A.)

- *Século XXI:*

- (52) a. “É claro que respeito muito as igrejas evangélicas, mas não a vulgarização que **se** estabeleceu no Brasil”(C/ T.A.)
b. “propriedade da qual pode dispor como **lhe** aprover, continua vivo como no século 16” (S/ T.A.)

Diante das análises empreendidas nesta seção 4, foi possível constatar o distanciamento entre comportamento dos clíticos pronominais nos gêneros do domínio jornalístico do PP em relação ao uso dos clíticos no PE por meio do i) predomínio da próclise em ambos os gêneros estudados; ii) quantitativo maior de próclise e queda acentuada de pronomes clíticos a partir do século XX; iii) redução acentuada de clíticos de 3ª pessoa a partir da segunda metade do século XIX, principalmente, nas CL.

Os objetivos estabelecidos foram tratados no decorrer deste trabalho, uma vez que mapearam-se os contextos de ocorrência dos clíticos e sua frequência nos gêneros textuais escolhidos, levando em conta (a) a posição sintática, (b) a função sintática, (c) o traço número-pessoal, (d) termo atrativo e e) gênero textual; ii) verificou-se se o comportamento dos clíticos no PP apontava para similaridades e/ou diferenças em relação ao que vem sendo

discutido na literatura gerativista sob a ótica diacrônica; e iii) analisaram-se algumas particularidades no uso dos clíticos nos gêneros textuais selecionados.

Aliada às observações dos teóricos supracitados, ressalta-se a importância que as mudanças apresentadas nas TD dos gêneros abordados nesta investigação têm para que se compreenda esse fenômeno, uma vez que as mudanças estilísticas, temáticas e sociais que ocorreram durante o final do séc. XX e o séc. XXI, assim com o contexto sociocultural em que os textos jornalísticos circulavam teve influência no modo como os autores se posicionavam, no suporte em que circulam os gêneros, no que e como escreviam.

5. Considerações finais

A partir dos resultados apresentados até o momento, percebe-se que o comportamento dos clíticos extraídos das CL e dos ED presentes no *Diário de Pernambuco* ao longo de três séculos (XIX, XX e XXI) vêm apresentando um distanciamento em relação ao comportamento dos clíticos no PE, um resultado que vai na direção de outros estudos já realizados no PB com outros *corpora*, a exemplo de contextos extraídos de peças teatrais (cf. Cyrino (2018) e de cartas pessoais e documentos oficiais (cf. Martins (2018), Pagotto (2018)).

Os resultados desta pesquisa mostram: (a) maior ocorrência de próclise em relação à ênclise em ambos os gêneros textuais analisados entre a primeira metade do século XIX até o séc. XXI e (b) redução acentuada de clíticos de 3ª pessoa a partir da segunda metade do século XIX, principalmente, nas CL, fenômeno que será aprofundado em etapas posteriores a fim de observar se a situação se relaciona ao aumento de objetos nulos, como afirma-se em Cyrino (1994; 2018). No que se refere à função sintática, embora os clíticos apareçam mais frequentemente na função de OD em ambos os gêneros textuais, nas CL há mais ocorrências de clítico na função de OI, um resultado que pode ser explicado via TD desse gênero que prevê, em sua composição, um remetente e um destinatário a quem se dirige a mensagem, conforme discutido por Gomes (2007), Andrade (2008), Brito e Gomes (2019) e Pelizari *et al.* (2019), bem como a tendência de certos clíticos (“me”, “te”, “se”) em desempenhar função dativa, como atesta Martins (2018). Sobre a presença/ausência de Termos Atrativos, observou-se que há maior ocorrência de próclise sem a presença de termos atrativos no gênero CL, ao passo que, até o final do séc. XX, a maioria dos casos de próclise nos ED possuía a presença de algum termo atrativo. Tal situação mudou no séc. XXI quando o número de casos com termo atrativo somava 42, 8% dos registros, ao passo que os casos sem termo atrativo somaram 57, 2% – situação que merece, por si só, uma investigação, a fim de observar se esse dado está associado à reorganização da gramática do PB, fenômeno abordado em pesquisas de linguistas como Rouveret (1989), Cyrino (2018), Martins (2018), Pagotto (2018) e Tarallo (2018a, b).

Através da pesquisa ora empreendida, espera-se contribuir para a ampliação da discussão a respeito da colocação e ocorrência dos clíticos no PP, uma análise que, até onde se tem verificado, é pioneira em Pernambuco e que encontra raízes na UFRPE, onde se iniciou através de pesquisas de Iniciação Científica. Espera-se, assim, enriquecer o campo dos estudos linguísticos acerca das variedades não-europeias do português, abrindo espaço para novas investigações sobre a temática desta pesquisa ou temáticas semelhantes a ela.

Ressalta-se por último que esta pesquisa não encerra a discussão a respeito dos fenômenos destacados, muito menos esgota as possíveis interpretações dos dados ou dá conta de abarcar todo arcabouço teórico que lhe embasa. Questões como os contextos em que predominam os objetos nulos que, conforme os estudos de Cyrino (1994, 2018), vêm substituindo a realização dos objetos por meio de clíticos e os aspectos intra e

extralinguísticos que contribuíram para o distanciamento das estruturas gramaticais do PB – e, consecutivamente, do PP – em relação ao PE são questões que merecem ainda muita atenção e estudos.

Referências

- ALVES FILHO, Francisco. A autoria institucional nos editoriais de jornais. *In: Alfa: Revista de Linguística*, v. 50, n. 1, p. 77-89, 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1396>. Acesso em: 30 nov. 2024. Acesso em: 23 nov. 2022.
- ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha Victorio de Oliveira. Tradições discursivas em cartas de leitores na imprensa paulista: estudo dos papéis sociais e formas de tratamento numa perspectiva diacrônica. *In: Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa - 1º SIMELP*, 2008, São Paulo. *Anais [...]*. São Paulo: FFLCH/USP, 2008. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/001723429>. Acesso em: 08 jan. 2023.
- BAKHTIN, Mikail. *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34 Ltda, 2020.
- BIAZOLLI, Caroline Carnielli. *Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma*. 2016. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/144643>. Acesso em: 22 nov. 2022.
- BRITO, Bianca do Carmo Pereira; GOMES, Valéria Severina. Tradição Discursiva e Historicidade do Gênero Textual: Cartas de Leitor na Sala de Aula. *In: Encontros de Vista*, Recife, v. 24, n. 2, jul./dez., 2019, p. 3-16. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/encontrosdevista/article/view/4145>. Acesso em: 24 nov. 2022.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004[1970].
- CASTILHO, Ataliba de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.
- CHOMSKY, Noam *Lectures on government and binding*. Foris: Dordrecht, 1981.
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. 1994. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1994. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1581797>. Acesso em: 03 abr. 2023.
- CYRINO, Sônia Maria Lazzarini. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. *In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 129-142.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.
- GOMES, Valéria Severina. *Traços de mudanças e de permanência em editoriais de jornais pernambucanos: da forma ao sentido*. 2007. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=158321. Acesso em: 22 nov. 2022.
- KABATEK, Johannes. Tradições discursivas e mudança linguística. *In: LOBO, T.; RIBEIRO, I.; CARNEIRO, Z.; ALMEIDA, N. (orgs.). Para a História do Português Brasileiro Novos dados, novas análises*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, v. 6, 2006. p. 505-530.

- KÖCHE, Vanilda Salton. *et al. Leitura e produção textual: gêneros do argumentar e expor*. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. (orgs.). Gêneros Textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.
- LIGHTFOOT, David. *How to set parameters: Arguments from language change*. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.
- MARQUES, Mariana S. Editorial: a voz do veículo. *In: DELL'ISOLA, R. L. P. (org.). Nos domínios dos gêneros textuais*. 2. ed. Belo Horizonte,: FALE/UFMG, 2009. p. 8-14.
- MARTINS, Marco Antonio. A sintaxe dos pronomes pessoais clíticos na história do português brasileiro. *In: CASTILHO, A.; MORAIS, M. A. T.; CYRINO, S. M. História do português brasileiro: mudança kôsintática do português brasileiro: perspectiva gerativista*, São Paulo: Contexto, 2018. p. 150-209.
- MEDIANEIRA DE SOUZA, Maria. *Transitividade e construção no gênero editorial*. 2006. Tese (Doutorado Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7609>. Acesso em: 08 mar. 2023.
- MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. *Novo Manual de Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.
- PAGOTTO, Emílio Gozze. Norma e condescendência: ciência e pureza. *In: Línguas e instrumentos linguísticos*, Campinas, v. 1, n. 2, p. 49-68, jul./dez. 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/lil/article/view/8663583>. Acesso em: 13 abr. 2023.
- PAGOTTO, Emílio Gozze. Clíticos, Mudança e Seleção Natural. *In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 143-160.
- PELIZARI, Camila da Silva *et al.* Editorial ou carta ao leitor/do editor? estamos falando do mesmo gênero textual?. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, Maringá, v. 41, n. 2, 1-15, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307462019016>. Acesso em: 02 mar. 2023.
- POLLOCK, Jean-Yves. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3 (Summer), p. 365-424, 1989. Disponível em: <https://babel.ucsc.edu/~hank/pollock.pdf>. Acesso em: 28 out. 2023.
- ROSA, Maria Carlota. *Introdução à Morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.
- ROUVERET, Alain. Cliticização e tempo no português europeu. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 17, p. 9-37, 1989. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/download/8636799/4520/> Acesso em: 04 fev. 2023.
- SARAIVA, Líbia Mara da Silva. *A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inquéritos do projeto NURC: uma análise contrastiva*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2008. Disponível em: http://www.poslin.letras.ufmg.br/diss_defesas_detalhes.php?aluno=1181. Acesso em: 13 mar. 2023.
- SILVA, Aldeir Gomes da.; GOMES, Valéria Severina. Correspondência entre amigos pernambucanos na primeira metade do século XX: tradição discursiva e ensino. *Revista do GELNE*, v. 18, n. 2, p. 54 - 78, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpn.br/gelne/article/view/11201>. Acesso em: 30 nov. 2022.
- SILVA, Adeilson Lima da. *A variação linguística na escrita escolar: o uso do objeto direto anafórico em textos com diferentes graus de monitoração*. Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) - Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, Universidade

Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/749>. Acesso em: 08 mar. 2023.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. *In: Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018a, p. 29-54.

TARALLO, F. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. *In: Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2018b, p. 55-82.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2003.

VIEIRA, Rosaura Maria Marques. O editorial de jornal. *In: DELL'ISOLA, R. L. P. (org.). Nos domínios dos gêneros textuais*. 2 ed. Belo Horizonte: FALE/UFMG.V, 2009. p. 15-20.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006[1968].